

ENFRAQUECIMENTO DE FRICATIVAS NO ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ: UMA ABORDAGEM SÓCIO-DIALETAL

Ana Germana Pontes Rodrigues^{*}
Aluiza Alves de Araújo^{**}
Maria do Socorro Silva de Aragão^{***}

RESUMO: Com dados fornecidos pelo Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), foram analisadas as realizações reificadas das fricativas /v z f/, a partir de variáveis linguísticas (contextos fonéticos antecedente e subsequente e tonicidade do segmento) e sócio-geolinguísticas (escolaridade e localização geográfica). A partir do corpus analisado, podemos perceber o quanto o fenômeno é recorrente e constitui-se uma marca do falar cearense.

PALAVRAS-CHAVE: falar cearense; fricativas; reificação.

ABSTRACT: From data provided by the Linguistic Atlas of Ceara (ALECE), were analysed the reified achievements of the of the fricatives /v z f/ in cearense speaking, from linguistic variables (preceding and following phonetic contexts and tone of the segment) and socio-geolinguistics (education level and geographic location). From them, we can realize how the phenomenon is recurrent and has become a mark of cearense speaking.

KEYWORDS: cearense speaking; fricatives; reification.

INTRODUÇÃO

Encontramos no português do Brasil (doravante PB) uma enorme diversidade de falares. Esse fato sempre instigou muitos pesquisadores a estudar fenômenos linguísticos que dele decorrem, principalmente os de natureza variacionista, colaborando para a descrição do português atual. O conhecimento de nossos falares e sua variação é de fundamental importância para a elaboração de políticas linguísticas mais justas com a realidade linguística dos nossos alunos. Além disso, é papel do linguista o

^{*} Bolsista FUNCAP e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

^{**} Doutora em Linguística e Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

^{***} Doutora em Linguística e Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC).

registro e a sistematização das “inovações/mudanças” linguísticas, permitindo que se faça um provável percurso da história das línguas que, normalmente, revela também a história do seu povo.

No português falado no Ceará, a realização das fricativas /v z f/ constitui-se um fenômeno bastante variável, ocorrendo tanto em sua realização plena (manutenção) quanto em sua forma aspirada¹ [h, f], sendo esta influenciada tanto por fatores linguísticos quanto sociais – os quais serão apresentados ao longo do trabalho. São exemplos desse fenômeno: [vê'tã'niã>fiê'tã'niã], [sɛ'bozã>sɛ'bofiã], [‘ahkusɛ’lɛʃti> ‘ahkusɛ’lɛhti].

Assim, o presente artigo propõe-se a descrever e analisar linguisticamente a realização reificada dessas fricativas no falar cearense, no *corpus* apresentado pelo Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), publicado em 2010. No entanto, o estudo aqui apresentado não pretende esgotar as possibilidades de análises para esse fenômeno, tão recorrente nesse Estado, até mesmo porque não abordamos minuciosamente todos os fatores linguísticos que poderiam influenciar a ocorrência do fenômeno.

BREVE INCURSÃO HISTÓRICA SOBRE AS FRICATIVAS

As considerações a serem feitas nesta seção não têm o objetivo de fazer uma análise diacrônica do fenômeno, mas sim o de apenas ilustrar alguns aspectos sobre o enfraquecimento, a fim de conhecê-lo um pouco melhor.

Na primeira gramática portuguesa, a *Grammaticada lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), a fricativa sonora alveolar é assim registrada: “A pronhiçãoãdo .z. zine antros dentes çerrados com língua chegada a elles e os beyços apartados hido outro: e e nossa propria esta letra.” (TORRES et al., 2000, apud CAGLIARI, 2008, p. 569). Sobre o J (palatal), ele comenta que não se trata de uma consoante “enxuta” como a semivogal (y), mas ocorre com uma “mistura de cospinho”.² Mas, sobre as palatais, ele ainda acrescenta:

são descritas como articulação secundária às quais foi acrescido um ‘som aspirado’, razão pela qual se escrevem com os dígrafos CH, LH, NH. Essa aspiração do Português é diferente da que ocorre em outras línguas; daí a dificuldade de a ortografia revelar como se pronunciam esses sons. (CAGLIARI, op. cit., p. 570)

¹ Ou *reificada* – serão usados aqui como sinônimos.

² Será mantida a mesma transcrição dos textos originais, com exceção da que é apresentada no ALECE, por não termos encontrado a fonte nele utilizada.

O mesmo Fernão de Oliveira assim descreve o /s/: “quando pronunciamos o s, levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito (ar) assobia pelas ilhargas (lados) da língua” (OLIVEIRA, 1975, p.121, apud CARVALHO, 2000, p. 23).

Quanto à sua realização variável na língua, Silva Neto (1979, p. 208-15), registra que o /S/ pós-vocálico já apresentava variação (no caso, manutenção ou queda) desde o latim arcaico. No entanto, essa variação não interrompeu seu curso, passando pelo latim clássico e latim vulgar. Na época da métrica antiga, percebe-se que, até Catulo (por volta de 30 a.C.), era admitida a “negligência” do -s final, quando precedido de vogal breve e seguido de palavra iniciada por consoante. Nesse caso, consistia-se num fenômeno de fonética sintática. Para exemplificar isso, Silva Neto compara com a pronúncia francesa que opõe *nousaimons* – em que o -s é pronunciado – a *nouschantons*, em que ele é “surdo” (Op. cit., p. 209). No entanto, por volta de 46 ou 45 a.C., houve uma reviravolta no que se definia como boa norma: “agora a pronúncia padrão consistia em pronunciar o -s final” (Ibidem, p. 209).

O mesmo autor também busca na história externa a explicação para essa mudança de “padrão”. Ele atribui a isso razões histórico-sociais, de movimentos demográficos, sociais e geográficos: “a perda do -s corresponde às correntes dialetais da Península; a vitória do -s é a consequência da vitória do latim de Roma, consagrado, enfim, como a *urbanitas*, o padrão.” (p. 210) No tempo de Cícero, a supressão do -s seria um traço campônio. No entanto, com os acontecimentos que abalaram Roma e toda a Península, a pronúncia “rústica” de supressão do -s final acabou por vencer na Itália. O mesmo autor fala sobre a doutrina de Reichenkron (*Beiträge zur romanischen Lautlere*³, 1939), a qual defendia que o -s final a princípio manteve-se firme em todo o Império Romano. A sua queda estava condicionada à entonação dos últimos tempos do latim vulgar e do romance.

Já a aspiração é um fenômeno mais recente. Segundo Roncaratiet al. (1988, apud CANOVAS, 1991, p. 32), “a pronúncia aspirada parece ser um fenômeno do romance, embora, provavelmente, no latim, a aspiração representada pelo *h* inicial de morfema como em *hodie*>*hoje* não tenha chegado às línguas neolatinas.”

Essa pronúncia aspirada, ou velarizada (HART, 1955, apud CANOVAS, op. cit., p. 34), seria uma solução portuguesa idêntica à adotada pelo espanhol andaluz: este apresentou uma mudança de [s] palato-alveolar para [x] velar. Assim, essa fricativa velar seria mais um processo de enfraquecimento. E a glote, onde é realizado o som aspirado [h, f] – presente nas análises aqui feitas – está num ponto do aparelho fonador

³ *Contribuições para a fonética latina.*

posterior ao véu palatino, o que nos leva a considerar a aspiração um nível mais acentuado de enfraquecimento.

Historicamente, as consoantes fricativas, durante a passagem do latim para o português, fixaram-se simetricamente com suas respectivas homorgânicas, o que até então só acontecia com as oclusivas. Segundo Tarallo (1990, p. 108), o sistema consonantal do latim teve sua evolução para o português caracterizada por dois processos: tendência à lenição (enfraquecimento) articulatória e à palatalização.

A fricativa sonora /v/, por exemplo, atualmente vem mostrando uma tendência, em alguns ambientes, à lenição, quando ela é pronunciada com o som glotalizado /h/. Esse som enfraquecido é assim descrito por Schubiger (apud MARQUES, 2001, p. 23): “um som constritivo, glotal, sonoro, que acontece quando se produz uma leve vibração nas cordas vocais ao mesmo tempo em que se deixa passar entre elas ar sem vibração.”

Na seção a seguir, veremos alguns dos principais estudos sobre a realização das fricativas no falar cearense.

ESTUDOS SOBRE A REALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS NO FALAR CEARENSE

A realização de fricativas no português do Brasil (PB) tem provocado a produção de diversos trabalhos em todo o País. Nesta seção, iremos apresentar apenas os que se detiveram no falar cearense. São eles: Aguiar (1937), Bueno ([1955] 1967), Silva Neto (1979)⁴, Macambira (1987), Roncarati (1988, 1999), Alencar (2007) e Aragão (2003, 2009).

O primeiro deles, Aguiar (1937, p. 290), ao traçar uma fonética do português do Ceará, descreve a ocorrência do *r* velar, também chamada por ele de faucal, no lugar de *j*, como em *hente* (gente), *hiro* (giro), *hanela* (janela), *hogar* (jogar), e *humento* (jumento), na linguagem infantil e dos rústicos. O *s*, no dialeto popular, também passa a *r*, antes de *d* e de consoante nasal, como em: *ur-dia* (os dias), *derde* (desde), *mermo* (mesmo), *ur-nome* (os nomes). Além disso, no final de palavra, o *s*, representando ou não o plural, apaga-se nesse dialeto, como em: *o alfere*, *os livro*.

O *v* também pode transformar-se, no dialeto rústico e no infantil, em *r*: *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos), *cahalo* (cavalo). O *z*, por fim, é por ele registrado, na linguagem da criança e do povo, como *fahê* (fazer), *fahia* (fazia), *fahenda* (fazenda). Ele registra ainda que até mesmo na “fala descuidada de pessoas cultas” é comum ouvir: *mah-eu* (mas eu), *mah-é-isso* (mas é isso).

⁴ Silva Neto (1979, p. 627) também registra o estudo de Martinz de Aguiar.

Silveira Bueno ([1955] 1967) também registra que há ocorrência de um r gutural em todo o Norte brasileiro e também no Rio de Janeiro que aí ocorreria em virtude da forte presença de nortistas.

Macambira (1987, p. 273-4), por sua vez, usa o termo *espirante*, referindo-se ao **f** e ao **v** labiais e ao **r** aspirado. Por esse motivo, a pronúncia do **v** como **r** espirante em algumas regiões cearenses “demonstra com evidência o parentesco fonético entre as duas fricativas”. Por exemplo, **carralo rei** para **cavalo velho**, **rambora** para **vambora**. Ele menciona que esse fenômeno ocorre inclusive no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados”.

Já Roncarati (1999) analisa a aspiração e o apagamento das fricativas /v, z, **ʒ**/ na fala cearense e considera que o fenômeno pode ser melhor explicado à luz do difusionismo lexical⁵. Assim, ela inclui (Ibidem, p. 2) fatores de controle lexical, como usualidade do item lexical, nível de formalidade (variação estilística) e grau de afetamento de itens enfraquecidos – para este, ela se detém nestes condicionantes linguísticos: distância da tonicidade antecedente e subsequente; contexto fonológico antecedente e subsequente, marca de desinência verbal. O léxico é composto por 10 gravações da amostra básica; uma de IMP (interação médico-paciente, gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará) e 4 gravações de falantes do interior do Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará).

Alguns dos resultados por ela obtidos a partir do cruzamento entre os condicionantes linguísticos com o levantamento lexical: a distância 1 da tônica antecedente favorece a aspiração (0.70)⁶ e o apagamento (0.75) e está associada à usualidade da desinência *-ava* do imperfeito (*botaha no curral*) e dos itens *mesmo* e *gente* (*meØmo* e *Øente*); as consoantes com o traço [-contínuo], /l, n, d, m/, são mais favorecedoras da aspiração (respectivamente: 0.84, 0.83, 0.81 e 0.72) e associam-se à usualidade dos itens *mais* (*maihligado*, *maih novo*, *gosta maih de ler*) e *mesmo* (*mais esses mehmo*); /z/ é enfraquecido mais usualmente em itens com segmento enfraquecido antes da consoante nasal: “o alto índice de aspiração de *mesmo*, face a todas as outras categorias vem ao encontro da hipótese de que o fenômeno pode estar lexicalmente condicionado.” (Ibidem, p. 5); o apagamento também ocorre mais entre os itens lexicais que apresentam os maiores índices de enfraquecimento: *meØmo*, *maiØ* e *maØ*; o /**ʒ**/ tem como item lexical mais usual com segmento enfraquecido no início de vocábulo o advérbio *há* (já).

Quanto à correlação entre relevância informacional e usualidade, verifica-se que o enfraquecimento se dá mais entre os morfemas gramaticais e não entre os morfemas lexicais, portadores de conteúdo informacional. Ela sugere ainda que seja retestada a relação entre nível de enfraquecimento

⁵ O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfo-lexical, prevendo afetamento gradual do léxico (RONCARATI, 1999, p. 2)

⁶ Peso relativo.

e o de formalidade. Por fim, ela aplica um teste de atitudes, avaliando o enfraquecimento das fricativas, cujos resultados revelam que: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina (sinaliza “manifestação de ‘macho’”); os adultos enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos caminham juntos.

Com um intervalo de quase uma década, o assunto sobre as fricativas no falar cearense voltou a ser descrito. Alencar (2007), em sua tese de doutorado, ao fazer um estudo sócio-dialetal sobre a realização dos róticos (/r/ e /ʀ/) na língua falada em Fortaleza, observa, em seus dados, e descreve a ocorrência da reificação nas fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos. Seu *corpus* constituiu-se de entrevistas feitas com 24 informantes fortalezenses, de diversos bairros, e distribuídos igualmente entre as faixas etárias de 18 e 30 anos e de 45 a 60 anos, entre os sexos (masculino e feminino) e entre Ensino Fundamental e Ensino Superior. Ela utilizou o QFF (Questionário Fonético Fonológico), o QSL (Questionário Semântico Lexical), os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) e as PM's (Perguntas Metalinguísticas) do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

A sua análise conclui que a reificação de /v/ ocorre de forma sistemática, em posição inicial e medial, em nomes e verbos, é mais frequente com a vogal /a/, e o maior número de ocorrências se dá com a desinência *-ava* do imperfeito do indicativo (ex.: brinca[f]am) e com as formas verbais de IR (ex.: [f]amos). Já a reificação de /z/ ocorre em posição medial, antes de consoante vozeada (ex.: me[f]mo, de [f] de) e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada (ex.: fai[f]muita), tendo maior ocorrência com o item “mesmo” e, no contexto fonológico seguinte, as consoantes nasais /m/ e /n/, a lateral /l/ e a oclusiva dental /d/. A reificação de /ʒ/ se dá em posição inicial, sendo mais frequente com as vogais /a/ e /ẽ/ (ex.: [f]á e [f]ẽnte).

Além disso, ela constata que há o predomínio da realização plena dessas fricativas, em posição inicial de vocábulo e em início de sílaba no meio da palavra. No entanto, numa situação menos monitorada, ocorre, com maior frequência, a reificação delas e, até mesmo, o apagamento (este em menor número). Uma hipótese que ela apresenta para isso é que haveria “a perda do ponto de articulação, permanecendo apenas a fricção.” (Op. cit., p. 120). Quanto à análise quantitativa de seus dados, Alencar apresenta apenas em relação à realização dos róticos – objeto de estudo de sua tese. No final, faz a seguinte consideração:

A ‘reificação’ das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB. (ALENCAR, op. cit., p. 138)

Em seguida, Aragão (2009) procura complementar esses estudos, falando sobre a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ e sua realização com a variante aspirada [h] do fonema /r/, utilizando o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses (ARAGÃO et. al., 1996), que fora obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e IMP – para este trabalho, ela utilizou 6 entrevistas. Essa amostra foi organizada levando em consideração as seguintes variáveis: sexo; faixa etária – de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos; grau de instrução – primário, ginásio e 2º Grau; classe social – B (média) e C (baixa).

E, para efeito de comparação, ela utilizou também 4 inquéritos experimentais do projeto ALiB, estado do Ceará, referentes à Fortaleza, com itens lexicais do QFF e do QSL, também distribuídos em: sexo; faixa etária – de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos; e grau de instrução – até a 4ª série do Ensino Fundamental e Ensino Superior. Ela também leva em consideração os seguintes fatores: internos à estrutura fonética da palavra; diatráticos – registro culto e popular; e diatópicos – marca regional do fenômeno.

Seus resultados concluíram que, dos fatores internos, os que mais marcaram foram: vogal seguinte (ex.: [kaʹɦaɫu], [pɾeɦas ɫ]); posição inicial (ex.: [ɦãmus], [ɦumẽtu]) e posição medial (ex.: [mehmu], [ɦɦɦnu]). Quanto aos fatores diatráticos, ela afirma que “tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade fazem a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r/ e usam a variante [h]” (Idem, 2009, p. 200). Segundo ela, os fatores que mais marcaram a realização desse fenômeno foram “os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado.” (Op. cit.) Em relação aos fatores diatópicos, ela conclui que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

Na seção a seguir, veremos a constituição do *corpus* analisado e a reificação de fricativas nele encontrada.

O CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* analisado é o da primeira divulgação de resultados do projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). A amostra encontra-se transcrita no volume II e compreende as respostas dadas a vinte e uma questões, a saber:

005. VENTANIA	025. ARCO-ÍRIS	074. OLHOS
007. NEBLINA	030. ANTEONTEM	078. OUVIDO
008. TEMPORAL	031. TRASANTEONTEM	079. ORELHA
012. RELÂMPAGO	032. AMANHÃ	082. COTOVELO
018. SALOBRA	057. AVÓS	096. TORNOZELO
019. REDEMOINHO	063. TIO	102. ESTÔMAGO
024. ORVALHO	068. ÔRFÃO	105. NÁDEGAS

O perfil social da amostra foi definido a partir de uma descrição quantitativa, sendo eles discriminados em função das variáveis *escolaridade, idade, sexo e localização geográfica*.

Quanto à escolaridade, os informantes foram classificados como *alfabetizado e analfabeto*. O primeiro, de acordo com o ALECE, seria “o indivíduo que não frequentou a escola ou o que, tendo-a frequentado, não sabe ler nem escrever” (ALECE, v.1, p. 70); o segundo seria “o indivíduo que, tendo ou não concluído o 1º Grau Menor (Ensino Fundamental I) ou outro grau de ensino, sabe ler e escrever.” (Ibidem). Os *analfabetos* totalizaram 132 informantes, enquanto os *alfabetizados* totalizaram 133.

Quanto à idade, foram entrevistados informantes com menos de 30 anos (2 indivíduos), de 30 a 40 (103 pessoas), de 41 a 50 (82 informantes), de 51 a 60 (64 indivíduos) e com mais de 60 anos (10 pessoas).

Quanto ao sexo, foram entrevistados 133 homens e 132 mulheres.

Quanto à localização geográfica, o Estado do Ceará está inserido na chamada Macrorregião Nordeste e reparte-se em quatro Mesorregiões assim distribuídas: Nordeste Cearense, Fortaleza, Centro-Leste Cearense e Sul Cearense. Há ainda a subdivisão do Estado em Microrregiões que possuem características físicas, sociais e econômicas relativamente homogêneas, totalizando vinte três⁷. A Microrregião equivalente à Região Metropolitana de Fortaleza foi excluída da pesquisa, por apresentar, segundo o ALECE, uma grande heterogeneidade linguística.

⁷ São elas: Litoral de Camocim e Acaraú, Baixo Médio Acaraú, Uruburetama, Ibiapaba, Sobral, Sertões de Canindé, Ibiapaba Meridional, Sertões de Crateús – compondo a Mesorregião Nordeste Cearense; Fortaleza – Mesorregião de Fortaleza; Pacajus, Baixo Jaguaribe, Serra de Baturité, Sertões de Quixeramobim, Sertões de Senador Pompeu, Médio Jaguaribe, Serra do Pereiro – constituindo a Mesorregião Centro-Oeste Cearense; Sertões dos Inhamuns, Iguatu, Serra do Salgado, Serrana de Caririçu, Sertão do Cariri, Chapada do Araripe, Cariri – compondo a Mesorregião Sul Cearense.

Assim, a amostragem é constituída do seguinte modo:

Nível de instrução	Alfabetizados						Não alfabetizados						Total					
	Masculino		Feminino		Total		Masculino		Feminino		Total		Masculino		Feminino		Total	
Sexo																		
Quantidade Classes de Idade (anos)	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 30	1	0,4	1	0,4	2	0,8	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0	1	0,4	1	0,4	2	0,8
30 a 40	27	10,3	30	11,5	57	21,8	20	7,7	26	9,9	46	17,6	47	18,0	56	21,5	103	39,5
41 a 50	19	7,3	17	6,5	36	13,8	23	8,8	23	8,8	46	17,6	42	16,1	40	15,5	82	31,4
51 a 60	18	6,9	15	5,7	33	12,6	17	6,5	14	5,4	31	11,9	35	13,4	29	11,1	64	24,5
Mais de 60	1	0,4	3	1,2	4	1,5	3	1,1	3	1,2	6	2,3	4	1,5	6	2,3	10	3,8
Total	66	25,3	66	25,3	132	50,6	63	24,1	66	25,3	129	49,4	129	49,4	132	50,6	261*	100,0

* Por razões alheias à vontade dos pesquisadores, em três localidades escolhidas não foram realizadas entrevistas. Foram perdidos ainda 7 casos, por informações incompletas.

Quadro com o Perfil dos informantes, discriminados por idade, sexo e escolaridade (BESSA, 2010, p. 75)

No *corpus* utilizado, as ocorrências de reificação foram encontradas para apenas doze itens lexicais. São eles: 5, 7, 8, 18, 24, 25, 30, 31, 57, 78, 82 e 96. Nestes itens, as fricativas /v z f/ realizam-se com a manutenção do fonema [v, z, f] ou na forma aspirada [h, h̥]⁸. Não foram registradas ocorrências de apagamento (o qual fora abordado em análises aqui citadas).

Nesta pesquisa, foram utilizadas apenas as transcrições fonéticas apresentadas pelo projeto. Não tivemos acesso às gravações originais.

O ENFRAQUECIMENTO DAS FRICATIVAS NO ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ

Para nossa análise, foram levadas em consideração variáveis linguísticas e sócio-geolinguísticas.

· Fatores internos

Desses fatores, os que mais marcaram o fenômeno foram:

a) Contexto fonético precedente e subsequente

I. Ataque silábico

- Ventania [vētã'niə>hētã'niə] (*Pergunta 005*)
- Chuvisco [ʃu'visku>ʃu'hisku] (*Pergunta 007*)
- Chuva boa [ʃuvə'boə>ʃufiə'boə] (*Pergunta 008*)
- Dilúvio [dʒi'luvɪ>dʒi'lufɪ] (*Pergunta 008*)

⁸ A transcrição fonética do ALECE apresenta outro símbolo fonético, descrito como “fricativo, dorso-velar, sonoro, oral, como em ‘barriga’” (ALECE, v.1, p. 97).

- Sebosa [sɛ'bozə>sɛ'boɦə] (*Pergunta 018*)
- Avós [a'vɔs>a'ɦɔs] (*Pergunta 057*)
- Bisavô [biza'vo>biza'ɦo] (*Pergunta 057*)
- Ouvido [o'vidu>o'ɦidu] (*Pergunta 078*)
- Cotovelo [kutu'velu>kutu'ɦelu] (*Pergunta 082*)
- Tornozelo [toɦno'zelu>toɦno'ɦelu] (*Pergunta 096*)
- Osso do vintém ['osuduvi'tẽy>'osuduɦĩ'tẽy] (*Pergunta 096*)

II. Coda silábica

- Arco-celeste ['ahkusɛ'ɦɛɦtɪ>'ahkusɛ'ɦɛɦtɪ] (*Pergunta 025*)
- Antes de ontem ['ãɦɦɦ⁹'dʒɦ 'õtẽy>'ãɦɦɦ] (*Pergunta 030*)
- Trasantontem [trazãɦɦ'õtẽy>trɛɦnãɦɦ'õtẽy] (*Pergunta 031*)

Assim, percebemos que há ocorrência de reificação tanto em coda quanto no ataque, no entanto, o contexto fonético onde mais ocorre a forma aspirada é o ataque silábico, contendo 78,6% (11) das ocorrências, enquanto a coda contém apenas 21,4% (3) delas. Esse resultado é diferente da constatação feita por Alencar (2007), cujos dados revelaram que havia um predomínio da realização plena dessas fricativas em ataque silábico.

b) Tonicidade do segmento

I. Tônica: ɦu'[ɦ]isku; a'[ɦ]ɔs; biza'[ɦ]o; o'[ɦ]idu; kutu'[ɦ]elu;
to[ɦ]no'ɦelu; 'ahkusɛ'ɦɛɦtɪ.

II. Pretônica (ou anterior): [ɦ]ɦtã'niã; 'osudu [ɦ]ɦ'ẽy;

III. Postônica: trɛɦ[ɦ]nãɦɦ'õtẽy.

Nesse fator, percebemos que a forma aspirada aparece em todas as posições do vocábulo, no entanto, há o predomínio da posição tônica, ficando esta com 50% das ocorrências, enquanto que a posição postônica (ou anterior) conteve 28,6%, e a pretônica, 21,4%.

· Fatores sócio-geolinguísticos

a) Escolaridade

No *corpus* analisado, num total de 32 ocorrências de reificação, 72% (23) delas foram com informantes considerados analfabetos pelo ALECE. Apenas 28% (9) ocorreram com falantes alfabetizados.

⁹ Este fonema está transcrito no ALECE tanto como [s] quanto como [z] no mesmo vocábulo, nesse mesmo contexto.

Assim, podemos inferir que essa variável extralinguística possui influência sobre a realização da forma aspirada.

b) Localização geográfica

Para analisar essa variável, levamos em consideração a divisão feita em vinte e três Microrregiões Homogêneas e a distribuição destas em três Mesorregiões.

Assim, a Microrregião 56 (Litoral de Camocim e Acaraú) esteve presente sete vezes nas ocorrências de reificação, no *corpus* analisado, e foi a microrregião que mais apresentou essa variante, ficando, assim, com 21,8% das ocorrências. Em segundo lugar, veio a Microrregião 62 (Ibiapaba), com 18,8% (6) das ocorrências. Depois delas, veio a Microrregião 65 (Serra de Baturité), estando presente quatro vezes, correspondendo a 12,5% das ocorrências. A Microrregião 67 (Sertões de Crateús) apareceu três vezes (9,3%) no *corpus* analisado. As Microrregiões 61 (Baixo Jaguaribe), 63 (Sobral), 68 (Sertões de Quixeramobim) e 77 (Chapada do Araripe) apareceram, cada uma, duas vezes (6,3%). E as Microrregiões 64 (Sertões de Canindé), 72 (Sertões dos Inhamuns), 76 (Sertão do Cariri) e 78 (Cariri) estiveram, cada uma, presentes apenas uma vez (3,1%) nesse mesmo *corpus*.

Com isso, percebemos, pela distribuição dessas Microrregiões em suas respectivas Mesorregiões, que é no Nordeste Cearense onde mais encontramos ocorrências de reificação (em cinco Microrregiões), contendo também as Microrregiões que aparecem mais vezes no *corpus* analisado, totalizando dezenove municípios que nessa Mesorregião estão contidos. Já o Centro-Oeste e o Sul Cearense apresentam, cada um, apenas três Microrregiões com essas ocorrências, sendo oito municípios pertencentes ao Centro-Oeste e quatro ao Sul Cearense. Portanto, trata-se de uma variável de grande relevância para a ocorrência da variante em análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da pequena extensão do *corpus* analisado, podemos perceber o quão é recorrente a variante aspirada dos fonemas fricativos /v, z, f/ no falar cearense. Percebemos também que tanto fatores linguísticos quanto sócio-geolinguísticos influenciam a ocorrência da forma reificada.

No entanto, o que mais chamou atenção durante essa análise foi que o fator localização geográfica teve bastante destaque na ocorrência dessa variante, visto que é no Nordeste Cearense onde ela mais ocorre, com um número de municípios bastante significativo em relação às outras Mesorregiões cearenses.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 51(51), p. 271-307, 1937. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAno/1937/1937-FoneticadoPortuguesdoCeara.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.
- ALENCAR, M. S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza*: as realizações dos fonemas /r/ e /~/ . 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Aspectos Fonético-Fonológicos do Falar do Ceará: o que tem Surgido nos Inquéritos Experimentais do Atlas Linguístico do Brasil – AliB-CE. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 19., 2003, Lisboa. *Anais do XIX Encontro Nacional da APL* – Programa e Resumos. Lisboa: Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, 2003. p. 8-19.
- _____. A neutralização dos fonemas /v,z,/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, Silvana; COSTA, Sônia B.B.; CARDOSO, Suzana Alice M. (Orgs.). (Org.). *Dos sons às Palavras*: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 187-200.
- _____; SOARES, Maria Elias. *A linguagem falada em Fortaleza*: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.
- BESSA, J. R. F. (coord.). *Atlas linguístico do Estado do Ceará*. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2010. 2 v.
- BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CAGLIARI, L. C. A descrição fonética na gramática da linguagem portuguesa (1536) de Fernão de Oliveira. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, p. 565-577, 2008.
- CANOVAS, M. I. F. *Varição fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, / cabeças de sílaba, na fala de Salvador*. Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.
- MACAMBIRA, J. R. *Fonologia do Português*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- MARQUES, S. M. O. *A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa*. João Pessoa, 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2001.
- RONCARATI, C. N. *Varição fonológica e morfossintática na fala cearense*. [S.L.:s.n.], 1999. 12 p.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1979. 51 p. (Coleção Brasileira de Filosofia Portuguesa).
- TARALLO, F. *Tempos Linguísticos*. São Paulo: Ática, 1990.